

Grupo RELLIBRA - "Relações Linguísticas e Literárias Brasil-
Alemanha" | www.rellibra.com.br
Credenciado na USP e no CNPq
Coordenação Geral: Profa. Dra. Celeste Ribeiro de Sousa

ELLY HERKENHOFF

1906-2004

(Valburga Huber)

2008

Um por todos, todos por um

Elly Herkenhoff

No dia 1º de novembro de 1893, tropas federalistas chegaram a Joinville. A população, que já havia decidido se manter neutra no conflito que envolvia também os republicanos, conviveu com os revolucionários gaúchos durante um pouco mais de dois meses.

Em fevereiro de 1893 irrompeu, cruenta desde o início, a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul. Correu sangue, muito sangue, sacrificaram-se republicanos e federalistas, matava-se e morria-se em prol da Pátria comum e em nome da liberdade e da Justiça.

E as primeiras notícias chegadas a Joinville já prenunciavam que Santa Catarina não ficara à margem do conflito, tanto é que os joinvilenses iam acompanhando com bastante apreensão o progresso dos revolucionários gaúchos, sobretudo após a Revolta da Esquadra, no Rio de Janeiro, a 6 de setembro daquele mesmo ano de 1893.

Decerto que havia federalistas convictos em Joinville – entre eles o próprio Presidente da Câmara Municipal, Abdon Baptista – e havia os chamados “dissidentes” e havia os monarquistas, os inconformados com a deposição do nosso último imperador. No entanto, a grande maioria dos joinvilenses se compunha – então já se compunha – de republicanos fiéis a Floriano ou de pacíficos cidadãos apolíticos, mais ou menos acomodados com a República, proclamada quatro anos antes. Deste modo, o clima reinante na cidade não era de muita simpatia pelos revolucionários, quando, a 21 de setembro, uma notícia procedente de São Francisco causou apreensão geral em Joinville. O “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), em sua edição de 26 de setembro, traz um relato fiel dos acontecimentos, dizendo entre outras coisas:

“Quinta-feira, 21 do corrente, foi um dia tumultuado em Joinville. Às duas horas da tarde espalhou-se repentinamente a notícia da chegada de dois navios de guerra revolucionários a São Francisco, e um destacamento de soldados dos mesmos teria se apoderado imediatamente da estação do telégrafo. A notícia, naturalmente, teve o efeito de uma bomba, porque não sabíamos aqui, o que realmente se estava passando no Rio e nem de longe imaginávamos que pudéssemos ser envolvidos, aqui em nossa cidade afastada, nos acontecimentos que se vêm desenrolando no Rio, a partir do dia 6 do corrente”...

E continua o “Kolonie-Zeitung”, comentando os mil e um boatos circulantes na cidade; muitos desmandos teriam sido praticados em São Francisco, por parte dos revolucionários, várias casas teriam sido saqueadas, numerosos cidadãos francisquenses teriam sido recrutados

à força, após a destruição do aparelho da estação do telégrafo e o vaporzinho "Dona Francisca", de propriedade do senhor Brustlein, de Joinville, já estaria de viagem para a nossa cidade, onde a soldadesca repetiria os atos de selvajaria praticados em São Francisco. Mas, em meio a toda essa confusão, as nossas autoridades agiram de cabeça fria, tomando as providências para fazer face ao que pudesse acontecer, uma vez que a visita dos revoltosos era inevitável. O Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, fundado um ano antes, em 1892, foi convocado e incumbido da guarda da cidade. A Sociedade de Atiradores de Joinville, existente desde 1855, ficou de prontidão, enquanto mensageiros galopavam em várias direções pelas estradas, alertando os colonos estabelecidos no interior do Município, inteirando-os dos acontecimentos, para que se conservassem de prontidão e pudessem acorrer imediatamente, em caso de emergência.

Conforme se verificou mais tarde, na realidade não houve desmandos em São Francisco, além da retirada do aparelho do telégrafo. No caso dos dois navios, tratava-se do cruzador "República", de nossa Marinha de Guerra e do Navio da Companhia Frigorífica "Pallas", armado pelos revolucionários.

Mas o certo é que, naquela tarde de primavera, teve início para toda a comunidade joinvilense – homens, mulheres e crianças – um período dos mais conturbados, cheio de ansiedade, de sobressaltos e de medo constante daquilo que ainda poderia vir...

Um dos membros atuantes do nosso Corpo de Bombeiros na época, Alexandre Döhler, nos deixou extenso relatório – redigido em alemão – dos acontecimentos daquela fase de nossa história. Conta-nos Alexandre Döhler, que o Corpo de Bombeiros, em número de uns 40 homens uniformizados, se reuniu no local de concentração em menos de 10 minutos após o toque de reunir. Ao anoitecer, foram postados guardas ao longo do rio Cachoeira e ele próprio esteve de sentinela no Bucarein, das 9 horas da noite até as 10 e meia. Às 11 horas, finalmente, os guardas avançados comunicaram a aproximação

do vaporzinho “Dona Francisca”, que havia sido retido em São Francisco pelos revoltosos e pouco depois vinham, lentamente de luzes reduzidas, o “Dona Francisca” e um escaler do “República”, acostando no cais do porto onde, além de autoridades e do Corpo de Bombeiros enfileirado, havia muitos curiosos, à espera do espetáculo inédito – fato esse que, segundo nos conta o “Kolonie-Zeitung”, levou o chefe dos revoltosos a dizer, surpreso, que em toda a parte a população civil costuma fugir, à aproximação de forças revolucionárias ...

○ presidente da Câmara, Abdon Baptista, indagou ao oficial qual o motivo de sua presença, dando-lhe a entender, ao mesmo tempo, que os habitantes de Joinville estariam dispostos a defender a sua cidade, em caso de quaisquer transgressões por parte dos revoltosos. O oficial, visivelmente impressionado com tal atitude, disse ter sido exclusivamente no intuito de se apoderar do aparelho de telégrafo, mas que de resto pretenderia angariar as simpatias da população e afirmou que respeitaria a vida e a propriedade de todos.

De fato, nada mais grave aconteceu, além da inutilização do telégrafo, deixando Joinville sem qualquer possibilidade de uma comunicação rápida com o País.

Mas, após a tomada do Desterro – hoje Florianópolis – pelos revoltosos, Joinville recebeu a sua primeira guarnição militar, composta de 50 soldados da polícia, e como os chefes do destacamento pretendessem o aliciamento a força de cidadãos joinvilenses, houve uma reação unânime por parte dos bombeiros, dos atiradores e dos ginastas de Joinville. Diz o “Kolonie-Zeitung” no dia 3 de novembro que, em vista dos vários atos de violência praticados durante a noite de 30 de outubro, pela força aquartelada na cidade, reuniram-se o Corpo de Bombeiros, a Sociedade de Atiradores e a Sociedade Ginástica, na segunda-feira, dia 30. E continua o jornal:

“A moção aceita pelos bombeiros, atiradores e ginastas em sua reunião de segunda-feira tem o seguinte teor:

Nós abaixo assinados comprometemo-nos com a nossa palavra de honra e a nossa assinatura, a nos abster de qualquer ingerência ou participação voluntária nas lutas partidárias trazidas de fora, e perigosas à segurança do nosso município. Por outro lado, porém, não permitiremos que qualquer um de nós seja tocado, ou nossa pessoa ou nossa propriedade. Neste caso nós que assinamos este ou qualquer outro compromisso equivalente, reagiremos todos, solidários em defesa mútua, com todos os meios ao nosso alcance, com sacrifício até mesmo de nossa própria vida. "Um por todos, todos por um" é este o nosso lema. Negamos, porém, proteção a quem provocar conflitos, ou por má fé ou por leviandade".

Mas, apesar da liberação imediata dos 20 recrutas presos, todos brasileiros, em consequência do manifesto, a situação veio a agravar-se subitamente, na tarde de 1º novembro, dia de Todos os Santos, com a chegada do General Piragibe à frente de 200 soldados federalistas – apenas 200, em vez dos anunciados 900 – e o primeiro ato do General foi a convocação do comandante do Corpo de Bombeiros, Felix Heinzelmann e do presidente da Sociedade de Atiradores, Gustav Adolf Richlin, ordenando-lhes que as duas corporações, bombeiros e atiradores se unissem às tropas federalistas, em sua campanha contra o Paraná – exigência esta recusada, tanto pelo comandante dos bombeiros como pelo presidente dos Atiradores, explicando-lhe o comandante, não ser de sua alçada tomar qualquer decisão em nome do Corpo de Bombeiros Voluntários e nem tampouco decidir o nome de qualquer outra associação, ao que o general respondeu, reiterando a sua ordem e exigindo a anuência das duas corporações até às 6 horas da tarde. Já eram 5 horas, quando o comandante Heinzelmann tocou o sinal de alarme e 10 minutos depois estavam reunidos, no pátio da igreja evangélica, uns 30 bombeiros aos quais foram se juntando atiradores e grande número de populares enquanto soldados federalistas corriam, ruas acima, ruas abaixo, requisitando cavalos – e num abrir e fechar de olhos, lanceiros

federalistas cavalgavam pela cidade, em belíssimos animais, até então pertencentes a pacatos e indefesos cidadãos de Joinville...

A decisão unânime – de bombeiros e atiradores – foi esta: ninguém acataria a ordem do general, mas todos estariam prontos a continuar zelando pela ordem e tranquilidade em Joinville. E enquanto o comandante Heinzelmann se dirigia ao Hotel Ipiranga, quartel-general dos federalistas, levando a recusa terminante ao general Piragibe, mensageiros nossos galopavam pelas estradas, alertando mais uma vez os colonos, que, largando pás e enxadas, puseram-se em marcha, munidos de todas as armas disponíveis: espingardas, pistolas, revólveres, sabres, foices e facões. E, conforme reza a velha tradição em Joinville, havia até grossos cabos de vassoura e sólidos porretes, trazidos ao ombro de mulheres, que participaram daquela “marcha dos mil colonos”, durante a noite de 1º de novembro de 1893...

Diante da atitude intransigente do comandante Heinzelmann, o general decidiu retirar a sua ordem, mesmo porque o próprio prefeito Abdon Baptista já o havia prevenido de que, dentro de poucas horas, estaria nas ruas de Joinville o “exército” dos mil colonos, prontos para tudo que viesse a acontecer. Assim, o general investiu o comandante Heinzelmann no cargo de Chefe da Segurança em Joinville, ali mesmo, e no dia seguinte, quando as tropas se retiraram em direção ao Paraná, o general se despediu do comandante com reiterados apertos de mão, repetindo enfaticamente: “Aqui eu lhe entrego a guarda desta cidade”.

E o nosso cronista Alexandre Döhler, que descreve pormenorizadamente a despedida do general e de seus 200 homens, acrescenta: “O final das tropas era formado pelo general e seu Estado Maior, o general garbosamente montado no belíssimo cavalo preto “Picas”, do senhor Werner Riekes, administrador da Estrada Dona Francisca, cujos dois cavalos haviam sido requisitados”...

○ comandante organizou a guarda da cidade, na qual tomaram parte 57 bombeiros, 28 atiradores e 20 cidadãos voluntários. Essa guarda atuou ininterruptamente, dia e noite, até o dia 26 de janeiro de 1894, quando o grosso das tropas federalistas abalou, dirigindo-se ao Paraná.

A 23 de novembro, Joinville recebeu 300 voluntários federalistas gaúchos, sob o comando de Serafim Castilhos, o chamado Juca Tigre, formando a vanguarda do General Gumercindo Saraiva, o temido “degolador”. E a simples notícia da chegada daquelas tropas criou um ambiente indescritível de pânico na cidade. Vinham de Blumenau, via Itajaí, fugindo do general Pinheiro Machado, então já em seu encalço. Vinham exaustos, imundos, esfarrapados – inclusive as mulheres e crianças que os vinham acompanhando, oferecendo um espetáculo “como nunca tínhamos visto antes”, conforme expressão de Alexandre Döhler. “Muitos tiveram de rever roupas, porque efetivamente quase nada mais tinham sobre o corpo”. Depois de alguns dias foram levados em carroças até o quilômetro 61 da Estrada Dona Francisca.

E nos primeiros dias de dezembro, nova onda de terror se apoderou das famílias joinvilenses: aportava, enfim, o famoso general Gumercindo e seu irmão Aparício Saraiva, com o grosso das forças, contando com 500 homens para lutar contra os republicanos, apelidados de “pica-paus”. Apresentando um quadro dos mais realísticos daquelas tropas gaúchas. Alexandre Döhler conta dos oficiais, que andavam de bombachas, botas de esporas, espada arrastante e chapéu de fita branca com os dizeres bordados “Exército Salvador” ou fita vermelha com a inscrição “Tudo pela Pátria”. E dos soldados – brancos, mulatos, negros, orientais (uruguaio cor de oliva, todos maltrapilhos, pouquíssimos de uniforme, muitos deles malencarados, “como cara de força” e todos muito bem armados. No mínimo, cada um trazia um facão na cintura e muitos ainda possuíam pistolas, lanças ou espingardas. “Manter a disciplina dessa horda selvagem não foi tarefa simples” – na opinião de nosso cronista, que

mais adiante reproduz um rapidíssimo diálogo mantido com um sargento, ao qual perguntou, se recebiam regularmente o soldo. “Não”, foi a resposta, Nós mata gente pica-pau e róba o dinheiro”...

Para tranquilizar as famílias aterrorizadas, o General expediu uma ordem, proibindo terminantemente qualquer delito contra a vida e a propriedade dos joinvilenses – medida essa significativa, já que a soldadesca tinha como certa a permissão do General para no mínimo saquear Joinville, depois que o saque de Blumenau lhe tinha sido proibido...

A verdade é que a disciplina foi razoavelmente mantida, dentro dos limites do possível. Assim por exemplo, um dia a patrulha dos bombeiros encontrou uma carroça na qual se achava uma colona, violentamente molestada por parte de um soldado. Preso o soldado pela patrulha, foi levado ao general, que ordenou o seu fuzilamento sumário e somente graças à intervenção das nossas autoridades municipais, que não desejavam derramamento de sangue em Joinville, o indivíduo foi poupado, recebendo apenas um castigo: ficou o dia inteiro, amarrado, torrando ao sol de dezembro – de onde se conclui o quanto era importante para o General angariar as simpatias de uma cidade tão estrategicamente situada como Joinville, entre o magnífico porto de São Francisco e a bem conservada Estrada da Serra, que leva ao Paraná...

Mas a 26 de janeiro de 94, a fase mais turbulenta da Revolução Federalista em Joinville teve o seu fim – o seu “amargo fim”, sobretudo para os nossos colonos, que logo após a chegada do General Gumercindo haviam sido convocados para fazerem o transporte de soldados, de um lado para outro da cidade, com as suas carroças puxadas a cavalo. Conforme o relato do “Kolonie-Zeitung”, que mais tarde, em 1894, publicou pormenorizado retrospecto dos acontecimentos, as carroças estavam, quase sempre, superlotadas de mercadorias e víveres, além de 5 a 6 soldados – enquanto os

proprietários iam acompanhando a pé os seus veículos durante o trajeto.

E muitas vezes os soldados, agastados com a pachorra da locomoção, chicoteavam barbaramente os animais. “Vimos muitos colonos”, diz o “Kolonie-Zeitung” em determinado trecho, “com os olhos marejados de lágrimas, diante dos maus tratos infligidos aos seus cavalos, aos quais todos eles, sem exceção, são apegados de corpo e alma. Mas – o que fazer? Se reclamassem, ainda estariam sujeitos a sentirem a lâmina da espada no próprio corpo – conforme mais de uma vez aconteceu...”

Quando, enfim, chegou o tão esperado dia da retirada das forças do General, os colonos foram convocados para fazerem o transporte até o quilômetro 24 da Estrada Dona Francisca – somente até o quilômetro 24 – porque dali em diante os soldados subiriam a pé. Mas, uma vez fora da cidade, os revolucionários, sentindo-se senhores da situação, nem sequer pensaram em arredar das carroças. Obrigaram os animais – e os colonos – a subirem até o quilômetro 61, onde há o desvio que leva ao Paraná. E ali, naquela encruzilhada, os cavalos, fustigados, exaustos, foram desatrelados das carroças, a soldadesca montou, abalando em direção a Curitiba e deixando os colonos, no meio da estrada, com as suas carroças e o seu desespero...

Nessa cavalgada – e nas lutas que mais tarde se travaram na região, entre os federalistas e a Guarda Nacional – todos os cavalos dos nossos colonos foram miseravelmente aniquilados. Os poucos que voltaram às mãos de seus donos, morreram algum tempo depois, e assim, durante os dois anos seguintes, não havia cavalos em Joinville, nem na cidade, nem na zona rural.

Claro – aqueles dias difíceis vividos por nossos avós, deixaram marcas profundas, também na vida econômica de toda a região. Mas não houve derramamento de sangue e de [se] Joinville não sofreu violências maiores, isto se deve à exemplar coesão demonstrada pelos joinvilenses, tanto da cidade como da zona rural. O Corpo de

Bombeiros Voluntários – em colaboração com os atiradores e cidadãos voluntários – passou pela sua prova de fogo naqueles meses difíceis. Difíceis também para cada um dos chefes de família, impossibilitados de exercerem a sua profissão, enquanto serviam de guarda e de proteção à cidade, dia a dia, meses após meses, sem medirem sacrifícios e em constante perigo de vida. Conforme nos conta Alexandre Doehler, os soldados voluntários federalistas demonstravam um respeito profundo, principalmente pelos bombeiros em seus uniformes impecáveis e pela machadinha, que tomavam como armas de fogo. “Viam em nós uma espécie de super-homens e não tinham noção do número de homens de nossa corporação. Calculavam que éramos cerca de 300....”

A atitude dos colonos, que vieram acorrendo em defesa da sua, da nossa cidade, mereceu agradecimento especial por parte do “Kolonie-Zeitung”, que, expressando o sentimento de toda a comunidade, publicou no alto da primeira página, na edição de 3 de novembro de 1893 a seguinte mensagem:

“UM POR TODOS, TODOS POR UM!

Aos colonos, pela espontaneidade com que atenderam ao chamado, empenhando-se pela neutralidade de nosso Município e pela manutenção da ordem e da tranquilidade ameaçadas, um tríplice e estrondoso VIVA!!!”

Elly Herkenhoff é pesquisadora no Arquivo Histórico de Joinville e autora dos livros “Joinville – ontem e hoje”, “Joinville – nossos prefeitos” e “Era uma vez um simples caminho...”, do qual o texto acima foi extraído.

Fonte:

Herkenhoff, Elly. "Um por todos, todos por um". In: *A notícia*. Jornal de Joinville, Anexo, 31 out. 1993, p.3.

Texto transcrito por Celeste Ribeiro de Sousa